

Vinhos de Assinatura - Seleção Nacional

Wines of Signature - National Selection

Revista de Vinhos Online

VINHOS DE ASSINATURA - SELEÇÃO NACIONAL

São vinhos que estão “colados à pele” de alguns dos mais importantes enólogos portugueses, vinhos com assinatura e ADN muito peculiar, vinhos que marcam pela diferença e singularidade mas que não deixem de ser um cartão de identidade das regiões e “terroirs” de onde são originários.

A dezena e meia de vinhos de assinatura que reunimos nesta prova tão especial – e de algum modo inédita – são o rosto e a alma de 15 enólogos tão referenciados como Anselmo Mendes, António Maçanita, Carlos Lucas, Diogo Campilho, Filipa Pato, Hélder Cunha, João Mendes, Jorge Moreira, Jorge Seródio Borges, Luís Cerdeira, Luís Duarte, Luís Patrão, Paulo Laureano, Rui Reguinga e Sandra Tavares da Silva.

Uma verdadeira seleção nacional de enólogos com vinhos de Norte a Sul do país, e também dos Açores, embora muitos outros nomes ilustres da enologia portuguesa pudessem integrar, naturalmente, esta prova “sui generis” que exprime bem – em patamares inquestionáveis de grande nível – “o estado da arte” do vinho em Portugal.

Foi, por isso, uma prova diferente do que é habitual fazer-se. Desde logo porque começou com uma consulta ao painel de provadores da Revista de Vinhos no sentido de indicarem os vinhos de cada enólogo que gostariam de ver representados nesta prova. Depois cruzaram-se as escolhas de cada um para traçar a bissetriz, ou seja, para encontrar as escolhas que reuniam maior consenso entre todos os provadores.

Aqui chegados, como sublinha Nuno Pires, diretor da revista e ele próprio membro do painel, “tínhamos reunidas as condições necessárias para fazer uma prova diferente, em vez da tradicional comparação ‘às cegas’ entre tintos ou entre brancos, ou então por faixas de preços, entre outras possibilidades. Neste caso temos vinhos de uma determinada parcela de vinha, ou de um terroir, ou vinhos feitos com recurso a práticas enológicas menos habituais e podemos então perceber, ou tentar perceber, o que os enólogos andam a fazer, a querer descobrir, a inovar, a definir um caminho. E alguns vinhos provados também são monocastas, o que permite, entre outras conclusões, identificar a expressão dessa casta num determinado local.” Acresce que “estão aqui representadas diferentes gerações de enólogos da maioria das regiões do país, enólogos que revolucionaram nos últimos anos a produção de vinho em Portugal”.

Pode dizer-se, de algum modo, que o tradicional papel crítico do painel de provas está neste caso secundarizado. Aqui, o mais importante é mesmo perceber que caminhos andam a ser trilhados por alguns dos mais importantes enólogos do país, sobretudo nas regiões demarcadas onde atuam preferencialmente. Sem surpresas (ou talvez não...), encontrámos vinhos que são o rosto genuíno dos seus locais de origem, embora com a impressão digital de quem os faz, mas também vinhos que fogem aos padrões dominantes na região – ou porque são verdadeiramente experimentais ou porque, pura e simplesmente, recuperam práticas vitícolas e enológicas quase caídas em desuso.

Provas como esta têm um lado pedagógico – desde logo para quem prova, mas também para quem nos lê, para os produtores e, inclusive, para os responsáveis das regiões demarcadas. Basta pensar nos vinhos “fora do baralho”, vinhos que procuram ir mais longe, que rasgam parâmetros pré-definidos, e que depois arriscam o chumbo nas câmaras de provadores.

Um terço dos vinhos com 18 valores

Numa prova em que cinco dos 15 vinhos provados alcançaram a classificação de 18 valores – precisamente um terço dos vinhos presentes –, o que não sendo o mais importante numa prova deste género dá a justa medida da excelência aqui reunida, esta fantástica viagem sensorial começou com o “Soalheiro Nature Pur Terroir 2017”, um Alvarinho de Melgaço, Vinhos Verdes, que o provador Manuel Moreira catalogou como “um vinho autêntico”, enquanto Guilherme Corrêa evidenciou o lado natural deste vinho, “a expressão sinuosa do granito”, um vinho que tem emoção, que tem um lado desafiador, “mas que não deixa de ser típico, não deixa de ser um Alvarinho, não deixa de ser Minho”.